

JOSÉ DE MESQUITA
(Do Centro Mato-grossense de Letras)

Do “JARDIM MISTICO”

(Sonetos)

Cuiabá
Revista do Centro Mato-grossense de Letras
Anno X — Jan. a Dez. 1931 — Números XIX e XX
1931

JOSÉ DE MESQUITA



José Barnabé de Mesquita

(*10/03/1892 †22/06/1961)

Cuiabá - Mato Grosso

Biblioteca Virtual José de Mesquita

<http://www.jmesquita.brtdata.com.br/bvjmesquita.htm>

Fé

Crer... Sua alma librar, na asa branca da prece,
por sobre este paul de misérias e dores...
Sentir que a vida é um sonho estranho que amanhece
na alvorada sem par de eternos resplendores.

Crer... E, crendo, domar a fera que enraivece
dentro de nós, em rugidos e furores...
Crer... Mystico laurel que n'alma se entretece,
os abrolhos cruéis nos transfazendo em flores...

Ai de quem olha em roda e só vê o horizonte,
que não sabe sentir através da matéria
e para o céu azul jamais ergueu a fronte !

Feliz quem pode ler do Infinito os arcanos,
do Sobrenatural na liguagem etherea,
e enxerga alem do véu dos sentidos humanos !

Esperança

Prelibação do Bem e único Bem da vida,
És tu, meiga Esperança, amiga do vivente,
Pois só tu sabes dar á alma desilludida
a illusão de um porvir mais bello que o presente.

Esperar é antever, posto que fementida,
a ventura a fulgir, entre o nevoeiro ambiente,
como a aurora boreal nos gelos reflectida,
luz, calor, alegria, entre a noite lugente.

Esperança... Uma restea azul no céu coberto...
taboa de salvação entre o mar de tormenta...
oásis verde de paz na aridez do deserto...

Ditoso o que deseja um bem e não o alcança !
Feliz o que, sofrendo, ainda no peito alenta
a gloria de esperar contra toda a esperança !

Caridade

Abrir sua alma á dor e ás tristezas alheias,
eis o maior prazer que ao ser humano é dado:
– ser fonte e a água jorrar em sáfaras areias,
ser o sol e a luz enviar ao pégo mais fechado.

Partir o coração, distribuil-o a mancheias
entre o misero, o só, o doente, o infortunado,
e na treva do egoísmo em que – alma vil – tateias
ver o amor elevar o seu facho sagrado.

Distribuir sem reserva a toda a humanidade
o pão que a arca possui e a moeda que enche o cofre
e a palavra de paz e o consolo e a piedade !

E numa ânsia de amor, num anhelos sem par,
as portas do seu lar abrindo ao igual que soffre,
dar tudo e lastimar não ter mais para dar !

(Outubro MCMXXX)

THEOS

*Console-toi: tu ne me chercherois pás si tu ne m'avois trouvé.
(Pascal – be Mystère de Jesus, II)*

Ao Dr. Vicente Maurano

Tudo o que vejo, sinto, ouço, tudo me fala
de Ti, que no teu ser condensas o Infinito.
Vejo-Te no esplendor da primavera em gala,
ouço-Te do tufão no horrisonante grito.

Dos seres percorrendo a vastíssima escala,
no Todo e em cad um vi o Teu nome escripto:
desde a tímida flor que a alma em perfume exhala,
até as colossaes montanhas de arenito.

E quando, por fugir-Te, eu quis fugir ao mundo,
furtar-me á obsessão do Teu olhar profundo,
de que o dia é uma sombra, e a luz uma apparencia,

é que vi que jamais Te fuge algo que existe,
pois que Tu, como o sol no pego negro e triste,
és luz, perdão e amor, nas trevas da consciência !

MCMXXX

Jesus

*Precisamos de ti, de ti só, de mais ninguém.
(G. Papini)*

Como quando, ao espalmar da altiva águia romana,
surgiste no presépio a encarnar a humildade,
hoje, mais do que nunca, immersa em sede insana,
necessita de ti a pobre humanidade.

Na ânsia do gozo e da ambição que o olhar empana,
Como que se offuscára a espiritualidade.
A água pura do amor que dos teus lábios mana,
é a única a saciar a febre que ora a invade.

O mundo quis viver sem ti e viu que a vida,
sem a tua palavra eterna que conforta,
é uma gleba maninha, estéril, resequida:

só tu tens o remédio ao seu mal, Nazareno !
volve ao mundo e farás que a humanidade morta
se erga, transfigurada, ao teu divino aceno.

MCMXXX

A morte do Christo

(Paraphrase de Molière)

Ao P. José Nunes Dias

Quando Jesus soffreu por toda a humanidade,
a morte aproximou-se, em meio do supplicio,
e interdicta se queda ao pé da Divindade,
não usando exercer sobre Elle o seu officio.

Cabisbaixo, o Senhor, todo affecto e piedade,
manda que ella complete o tremendo flagicio,
e, sem olhar siquer a sua majestade,
ultime, sem receio, o rude sacrificio.

A bárbara obedece, e esse golpe execrado
faz Natura tremer e ao Sol lhe muda o aspecto,
qual si do mundo o termo houvesse ali chegado.

Tudo descora e freme, ar, terra, azul, oceano,
menos o peccador, que tem de pedra o peito,
na hora em que as pedras tem como que um peito
humano.

MCMXXIX

Mater dolorosa

De quanta invocação tendes, Virgem Senhora,
nenhuma é para mim mais doce e mais humana
que esta em que minha crença humilde vos exóra
sob o peso da dor que nossa sorte irmana.

Ao triste coração que neste mundo chora,
em meio do soffrer, nesta peleja insana,
esse teu meigo olhar balsamo puro irrorra,
no pranto maternal que desse seio mana.

Nem da Gloria na aureola excelsa em que vos vejo,
Rosa do Paraizo, entre o celeste brilho,
de eólios coros gentis ao dulcíssimo harpejo,

me é tão grato vos ver, ó minha Mãe amada,
como aqui, junto á cruz do vosso grande filho,
das espadas da dor vossa alma traspassada !

MCMXXVII

São Francisco de Assis

(no 7º centenário da sua morte)

Ao P. Romualdo Lettieri

Trovador que viveste a exaltar a belleza
do Senhor, através das sua creaturas,
mystico menestrel, cuja Lyra retesa
vibrou mesmo da dor nas supremas agruras;

tu que, como ninguém, amaste a natureza,
e a soubeste cantar em estrophes tão puras,
que por irmãos tiveste a Alegria e a Pobreza,
e o Sol, e a Lua, e a Terra e os Astros das alturas;

sobre o mundo carnal, torpe, vil e mesquinho,
estende, qual um manto alvíssimo de arminho,
– flor do desprendimento e da paz a tua alma !

Tal, nos valles da Umbria, ás horas do transmonte,
soltavas tua voz enchendo o amplo horizonte,
do êxtase desse amor que os corações acalma...

MCMXXVI